

Editorial: razões para o título e tema desta publicação

REGINA MARQUES

regina.marques@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

«Todas as coisas estão ligadas, quer vejamos as conexões ou não»¹. Este pensamento da fotógrafa americana Clarence John Laughlin é de uma grande actualidade e contemporaneidade: vivemos na era dos *links* e da interconectividade.

Quando se fala de "mediação" entende-se normalmente uma instância de regulação social entre pessoas em conflito ou que têm interesses divergentes, instância em posição de terceiro, dotada de uma autoridade e cuja acção consiste em permitir sair de uma situação de conflito. Porém, o termo *Mediações* é hoje assumido com uma

dimensão muito mais vasta com repercussões no vasto campo da nossa intervenção conceptual. Vejamos algumas dessas possíveis entradas.

Ao lado das definições tradicionais da comunicação como transmissão de informação ou como interacção social, perfila-se uma terceira definição, centrada na consideração da sua dimensão propriamente simbólica. Neste modelo da mediação aparecem menos os elementos (a informação, os sujeitos sociais, a relação, etc.) do que a articulação desses elementos num dispositivo singular (o texto, os *media*, a cultura). É, no fundo, esta articulação que aparece como o terceiro elemento. Jean Davallon (2003) usa o termo mediação como revela-

1 Ver artigo de José A. Bragança de Miranda referenciado, p.259.

dor de uma nova forma de pensar a comunicação.

No seu uso comum, uma primeira utilização do termo é de servir de intermediário. Em *A Utopia da comunicação*, Philippe Breton (1994) discorre sobre a função de mediação dos *media* e das técnicas de comunicação dizendo que estes são concebidos para ajudar os homens a comunicar melhor mas constituem também a resposta à consciência aguda que nós temos de uma separação social, de um distanciamento uns dos outros, movimentos paradoxalmente acompanhados de uma necessidade exponencial de aproximação. É pressuposto que o papel de intermediário como facilitador da comunicação vai favorecer a passagem a um estado melhor. Neste contexto, o jornalista que apresente e trate novamente o discurso de outrem (por exemplo o que alguém disse numa entrevista) é um "mediador" que tem a característica de servir de intermediário entre a pessoa e o público e a de, para o fazer, transformar mais ou menos o que o entrevistado pôde dizer. A "mediação mediática", para designar o trabalho no interior da média, ao contrário da "mediatização", coloca o jornalista em posição de mediador. O "médiateur" em França é aquele que desempenha as tarefas que, entre nós, são cometidas ao provedor - do leitor, do ouvinte ou do telespectador.

Este reconhecimento de uma função de mediação por um actor social encontra-se também noutros domínios de investigação, em particular na mediação pedagógica e na mediação cultural. Na mediação pedagógica, a posição do formador como mediador comporta, é certo, uma componente relacional, mas implica também uma regulação das interacções educativas, para que a relação aprendiz saber seja efectiva e conduza a uma aprendizagem.

Uma série de outras utilizações do termo "mediação" pode incluir-se sob a categoria de mediação institucional. Essas utilizações reen-viam, quer para uma concepção política, quer para uma abordagem sociológica. Quando Mattelard, em *A Comunicação-mundo*, fala das "mediações", o termo refere-se ao processo de construção do consenso, e este processo é então abordado através do encontro das culturas, ou então da diversidade e da complexidade culturais. Lamizet & Silem (1997) propõem esta síntese: mediação é a instância que assegura, na comunicação e na vida social, a articulação do sujeito e da sua singularidade, e a dimensão colectiva da sociabilidade e do laço social. O desenvolvimento do uso do termo ao longo dos últimos anos mostra de forma bastante clara a necessidade de uma definição de mediação que não seja apenas um interface. Exige-se que a

partilha seja abordada de um modo mais dinâmico do que territorial; dito de outra forma, mais em termos de programa, de abordagem, de projecto, do que de corte, de fronteiras, de separação.

Bourdieu aborda as mediações, não como uma transmissão voluntária de ideias mas como um processo de interiorização de normas e de comportamentos que nos levam a adoptar práticas como se fossem naturais. A abordagem sociológica refere-se sobretudo às mediações sociais, que constituem o principal domínio das mediações institucionais: é geralmente para tratar do "efeito" das novas tecnologias, seja na empresa seja nas redes sociais.

A mediação cultural, do ponto de vista funcional, visa fazer com que um público aceda a obras (ou a saberes) e a sua acção consiste em construir um interface entre esses dois universos - o do público e o, do objecto cultural, estranhos um ao outro. Na prática, a mediação cultural recobre coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores (de museu ou de património, por exemplo); é uma forma de acção cultural por oposição à animação cultural. Mediação é a construção de uma relação com a arte ou a construção de produtos destinados a apresentar ou a explicar a arte ao público. Uma exposição é afinal, uma mediação, uma operação simbólica de instauração

de uma relação entre o mundo do visitante e o mundo da arte (ou da ciência), através do funcionamento mediático da exposição. Também aparece o emprego do termo como "mediação de cidadania" (Natali & Rasse, 1998) que designa, de facto, uma dimensão da mediação cultural.

Numa obra de Caune (1995), explica-se que a cultura é mediação ao operar a relação entre uma manifestação, um indivíduo e um mundo de referência. Contudo, o jogo das mediações, mesmo se elas se situam na rede heterogénea dos humanos e dos não-humanos, organiza-se em torno de um ponto de fuga, "a partir das mediações, qualquer coisa se passa, produz-se um acontecimento, uma passagem, que não deixa nada como dantes; trata-se, então, de "reconhecer o momento da obra no que ele tem de específico e de irreversível, de a ver como transformação, trabalho produtivo..." (Hennion, 2000: 178).

Em síntese, podemos afirmar que a noção de mediação aparece cada vez que há necessidade de descrever uma acção implicando uma transformação da situação ou do dispositivo comunicacional, e não uma simples interacção entre elementos já constituídos e ainda menos uma circulação de um elemento de um pólo para outro. A

mediação dos saberes constitui um domínio quase específico, que reenvia, por um lado à mediação da informação e, por outro, aos aspectos sociais ou semióticos da comunicação. A noção de mediação, tal como é utilizada pelas ciências da informação e da comunicação, reenvia, de facto, para um questionamento que releva de uma *démarche* reflexiva. Trata-se de um recurso para analisar objectos comunicacionais que são simultaneamente dispositivos técnicos, sociais e significantes. Nas diferentes abordagens feitas ao termo mediação, Davallon identifica três filiações teóricas que puseram a tónica, respectivamente, sobre a linguagem, sobre as tecnologias e sobre a cultura enquanto operador de construção dessas condições de possibilidade da troca. É esta possibilidade intertextual e transdisciplinar que queremos imprimir na Revista Medi@ções e que este primeiro número já ilustra. O tema da Investigação no Ensino Superior Politécnico foi o nosso ponto de partida. Nesta época de transições importantes no ensino superior consagradas na aprovação do sistema do ensino superior binário, e onde a investigação orientada aparece como uma das missões do ensino superior politécnico, mais do que nunca é oportuno investigar para mediar saberes e práticas relevantes, desenvolver mediações para difundir e publicar esses

saberes. Porque a prática não sobrevive sem a respectiva teorização, esta nossa Revista Medi@ções dá corpo a toda uma mobilização intelectual dos docentes numa instituição onde os interesses e as práticas se ligam e re-ligam mesmo lá onde as fronteiras disciplinares, às vezes, parecem opacas. Parafraseando Bragança de Miranda, diremos que numa instituição "que queira sobrelevar a prioridade da experiência sobre tudo o mais, o essencial passa a ser as ligações que a constituem, e nos constituem como humanos". "É curioso, assevera a seguir o autor que, sendo a trama de relações tão omnipresente, desde sempre estas tenham ficado retidas numa certa invisibilidade. Situação que está a alterar-se, e profundamente". Refere-se à alteração de paradigma teórico que problematiza necessariamente as ligações onde estamos imersos, porque o mundo é feito de intermediações de todo o género que só ganham sentido na trama de relações que mais ou menos invisivelmente tudo suportam. Estamos, por isso, em crer que a experiência da Medi@ções, com os seus artigos com diferentes abordagens de investigação - das Línguas à Matemática, da Psicologia da Educação à Comunicação, das técnicas de aprendizagens em comunidades surdas ou tecnológicas, torna mais ténues as fronteiras dos nossos saberes e dos nossos lugares, no campo social e

político das preocupações com a *polis*, tal como vemos a ESE e o IPS, e será um bom suporte para o desenvolvimento das ligações entre nós e com o mundo.

Natali, Jean-Paul; Rasse, Paul (1998) "Nouvelles technologies, nouvelles formes de médiation dans les musées de sciences", Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication, Actes du XIe Congrès National des Sciences de L'information et de la Communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 3-13.

Referências Bibliográficas

Breton Philippe (1994) A Utopia da comunicação, Lisboa, Instituto Piaget.

Caune, Jean (1995) Culture et Communication: Convergences théoriques et lieux de médiation, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble (coll. La communication en plus).

Davallon, Jean ((2003) La médiation: la communication en procès ?, Médiations & Médiateurs, 19. Universidade de Avignon.

Hennion, Antoine (2000) Figures l'amateur: Formes, objets, pratiques de l'amour de la musique aujourd'hui, Paris, La Documentation française/Ministère de la Culture et de la Communication (coll. Questions de culture).

Lamizet, Bernard (1992) Les Lieux de la communication, Bruxelles, Pierre Mardaga (coll. Philosophie et langage).

Lamizet, Bernard (1998) La Médiation politique, Paris, Éd. De L'Harmattan (coll. Champs visuels).

Lamizet, Bernard; Silem, Ahmed (1997) Dictionnaire encyclopédique des sciences de l'information et de la communication, Paris, Éd. Ellipse.

Mattelard, Armand (1997) A Comunicação-mundo: Historia das Ideias e das Estratégias, Lisboa, Instituto Piaget

Miranda, José A. Bragança (2002) "Para uma crítica das ligações técnicas" in Miranda, J.A.B e Cruz, M.T. (org) Crítica das Ligações na Era da Técnica, Lisboa, Tropismos. (p.259-279)